

**MODERNOS E PÓS  
MODERNOS**

## O Que vem depois da Semana de 22?

- "Manifesto Pau-Brasil", escrito por Oswald de Andrade, o escritor ressalta a importância da valorização das nossas raízes culturais e a necessidade de unificarmos a língua falada pelo povo brasileiro e a língua escrita.
- Nas pinturas dessa fase, Tarsila realizou a fusão entre as lições do Cubismo e a atmosfera brasileira, personagens e paisagens tropicais, nas obras *Morro da Favela*, *Manacá*, entre outras.



- *Antropofagia*, 1928.

Com a proposta inovadora de Oswald nossa índole canibal nos levava a deglutir as ideias e os modelos culturais importados. Porém, a partir desse banquete, éramos capazes de produzir algo genuinamente brasileiro.

*Abapuru*



*Antropofagia*



## Os Anos 30:

- O arquiteto Lucio Costa foi nomeado por Getúlio Vargas a diretor da Escola Nacional de Belas-Artes, imprimindo uma tendência renovadora para o ensino da arte. Promove o Salão Revolucionário. No entanto, pressionado pelos acadêmicos acaba se demitindo do cargo.
- Surgem grupos de artistas modernos que se organizam com a intenção de aproximar a arte moderna do público em geral.
- Ainda na década de 30, surgiram artistas, vindos da classe média e operária, que se interessavam em desenvolver técnicas tradicionais da pintura para representar paisagens, retratos e outros temas clássicos. Eles se opunham aos modernistas de 22.

# Um símbolo do Modernismo

- Candido Portinari, 1903-1962, nasceu em Brodósqui, interior de São Paulo, em uma fazenda de café. O artista foi uma figura central na valorização da cultura brasileira. Convidado a realizar diversas obras para o governo, foi capaz de conferir caráter nacional e moderno a sua pintura, criando uma imagem para representar o brasileiro que está presente nos temas: figuras populares, trabalhadores e lembranças de infância.
- Sucesso nos Estados Unidos, MOMA e Biblioteca do congresso e Washington.
- 1952, inicia os murais *Guerra e Paz*, para à nova sede da ONU.
- No Brasil, realizou diversas obras para o conjunto da Pampulha em B.H., a convite de Oscar Niemeyer.

# Guerra e Paz





## Museus e Bienais

- Em 1945, fim da Segunda Guerra, o Brasil dispunha de reservas acumuladas para investimentos. Com a Europa empobrecida, muitos empresários puseram à venda suas obras, a preço de liquidação. Não haveria melhor momento para montar uma coleção europeia no Brasil.
- 1947 foi inaugurado o Masp, criado por Assis Chateaubriand, conseguiu montar a coleção mais importante do hemisfério sul.
- 1949 foi criado o MAM, pelo industrial Francisco Matarazzo Sobrinho, com a intenção de divulgar a arte moderna. Doou parte de sua coleção particular e financiou a compra de muitas outras.
- Ainda em 1949, Ciccillo, teve a ideia de fazer no Brasil uma grande mostra internacional nos moldes da Bienal de Veneza – um dos mais tradicionais eventos de arte no mundo.



## 1951 – I Bienal

- Ciccillo e sua esposa viajaram para a Europa para fazer pessoalmente os convites aos artistas e representações estrangeiras, e convencê-los a enviarem obras de arte para um país sem força política nem tradição cultural.
- 1951, aconteceu a I Bienal na esplanada do Trianon. Foi montado um pavilhão de madeira com 5 mil metros quadrados para abrigar as obras de 23 países. A I Bienal foi um sucesso.
- 1953, aconteceu a II Bienal, abrindo os festejos do IV Centenário de São Paulo, a mostra ocupou um dos edifícios projetados por Oscar Niemeyer no Parque do Ibirapuera. Agora, com maior prestígio, a Bienal reuniu obras dos mais importantes artistas modernos, além de 51 obras de Picasso, incluindo o grande painel Guernica.

# Movimento Concreto

- Em 1955, com Juscelino Kubitschek na presidência, uma grande otimismo tomou conta do país. Sua proposta prometia crescer “50 anos em 5”, investiu na indústria automobilística, na construção de estradas e na criação de Brasília.
- Com a criação do MAM em São Paulo e no Rio de Janeiro, muitos eventos culturais e debates, divulgaram a arte abstrata internacional, o que influenciou a nova geração de artistas brasileiros.
- A expressão “arte concreta” surgiu em 1930 pelo artista holandês Theo van Doesburg e serviu para designar a tendência artística que surgiu como evolução do Abstracionismo.



Unidade Tripartida, 1948 de Max Bill

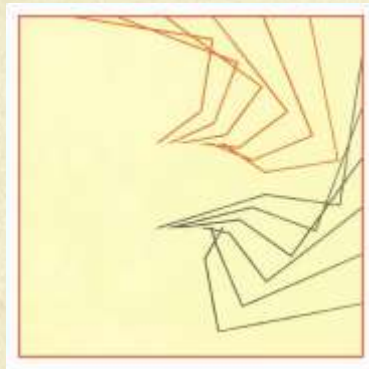
Max Bill, fundador da Escola Superior da Forma, em Ulm, na Alemanha, foi o principal responsável pela divulgação das ideias concretistas no Brasil.

Os concretistas afastavam da arte qualquer conotação lírica ou simbólica. Eles acreditavam que qualquer ser da natureza – uma árvore ou um animal, quando pintado, passa a ser uma abstração.

Na verdade faziam “uma pintura concreta” e não abstrata, porque nada mais concreto, mais real que uma linha, uma cor, uma superfície.

**Waldemar Cordeiro, 1925-1973.**  
**Grupo Ruptura (SP)**

Pinturas  
(rigor geométrico)



Paisagismo

Pop-creto



Arteônica, arte eletrônica



# **Concretismo no Brasil**

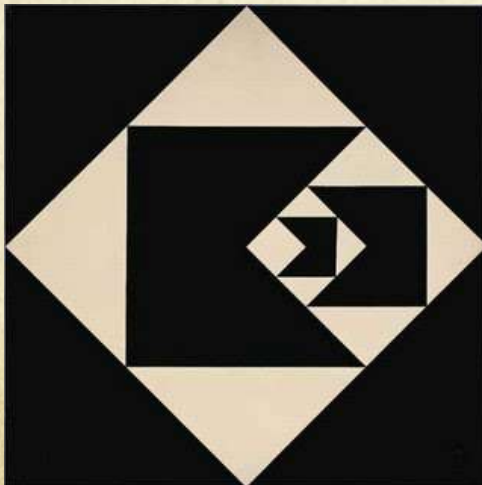
**Geraldo de Barros, 1923-1998.**  
**Grupo Ruptura (SP)**



Design



Pintura



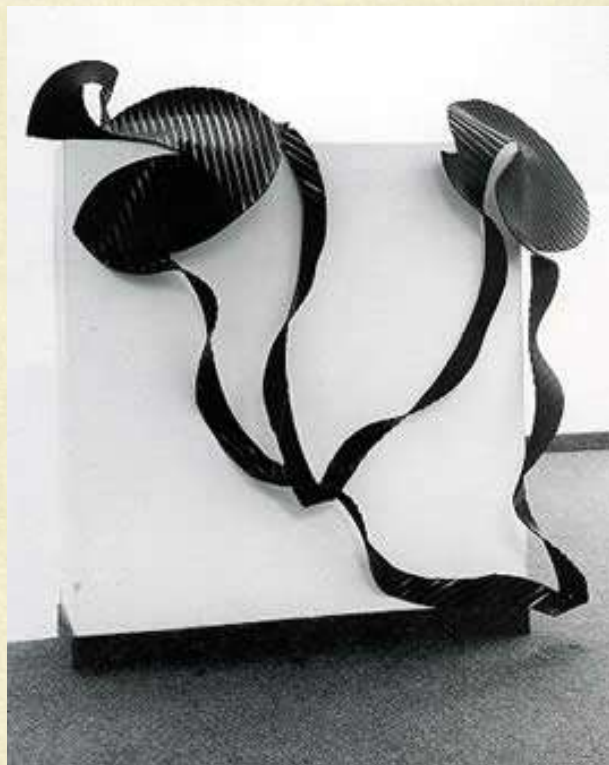
fotomontagem



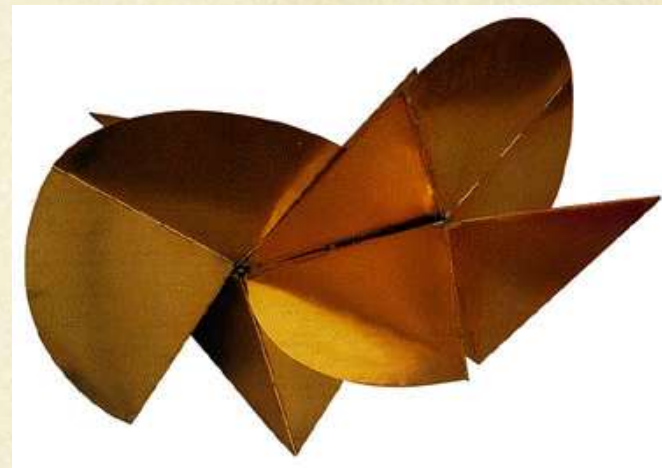
Lygia Clark, 1920 – 1988  
Grupo Frente (RJ)



Planos em superfície  
modulada, 1957

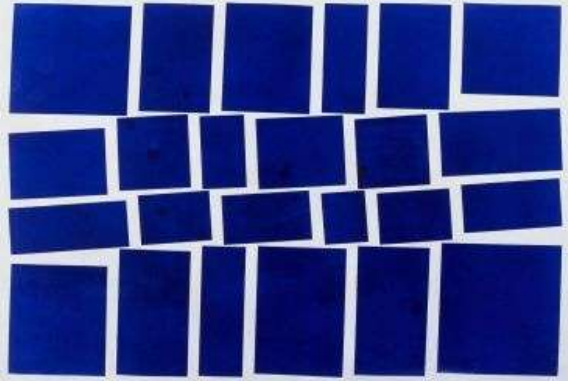


Trepantes, 1962



Bicho, 1962

Hélio Oiticica, 1939-1980.  
Grupo Frente (RJ)



Metaesquemas



Instalação "Penetráveis"



Instalação "Tropicália"



## Concretismo

### Definição

A arte concreta deve ser compreendida como parte do movimento abstracionista moderno, com raízes em experiências como a do grupo De Stijl [O Estilo], criado em 1917, na Holanda por Piet Mondrian (1872-1944), Theo van Doesburg (1883-1931), Gerrit Thomas Rietveld (1888-1964), entre outros. A abstração geométrica testada pelo grupo holandês ecoa, com novos matizes, no manifesto Arte Concreta, redigido por Van Doesburg, em 1930, em oposição a outras tendências abstratas, por exemplo, as professadas pelo grupo Cercle et Carré, fundado em 1929 pelo crítico Michel Seuphor (1901-1999) e o pintor Joaquín Torres-García (1874-1949), em Paris. O termo arte concreta é retomado por outros artistas, como Wassily Kandinsky (1866-1944) por exemplo, popularizando-se com Max Bill (1908-1994), ex-aluno da Bauhaus.

Os princípios do concretismo afastam da arte qualquer conotação lírica ou simbólica. O quadro, construído exclusivamente com elementos plásticos - planos e cores -, não tem outra significação senão ele próprio. A pintura concreta é "não abstrata", afirma Van Doesburg em seu manifesto, "pois nada é mais concreto, mais real, que uma linha, uma cor, uma superfície". Max Bill explora essa concepção de arte concreta defendendo a incorporação de processos matemáticos à composição artística e a autonomia da arte em relação ao mundo natural. A obra de arte não representa a realidade, mas evidencia estruturas, planos e conjuntos relacionados, que falam por si mesmos.

Menos que alardear um novo movimento, a noção de arte concreta visa rediscutir a linguagem plástica moderna. Os suíços, especialmente Max Bill, Richard Paul Lohse (1902), Verena Loewensberg (1912-1986), recolocam o problema da bidimensionalidade do espaço pictórico introduzido pelo cubismo ao definir o quadro como suporte sobre o qual a realidade é reconstruída, e passível de ser apreendida de múltiplos ângulos. Assim, com os concretos, a pintura se aproxima de modo cada vez mais radical da escultura, da arquitetura e dos relevos. Da pauta do grupo fazem parte também pesquisas sobre percepção visual, informadas pela teoria da gestalt, e a defesa da integração da arte na sociedade pela participação do artista nos vários setores da vida urbana, ênfases da Hochschule für Gestaltung (HfG) [Escola Superior da Forma], fundada por Max Bill, em Ulm, Alemanha, em 1951, e que dá prosseguimento ao projeto Bauhaus.

Bill é o principal responsável pela entrada desse ideário plástico na América Latina, sobretudo na Argentina e no Brasil, no período após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A exposição do artista em 1951 no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) e a presença da delegação suíça na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, no mesmo ano, abrem as portas do país para as novas tendências construtivas, que são amplamente exploradas a partir de então. Os prêmios concedidos à escultura Unidade Tripartida de Max Bill, e à tela Formas, de Ivan Serpa (1923-1973) na 1ª Bienal, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), são sintomas da atenção despertada pelas novas linguagens pictóricas.

O impacto das representações estrangeiras na bienal se relaciona de perto às modificações verificadas no meio social e cultural brasileiro. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo iniciam processos de metropolização, alimentados pelo surto industrial e pela pauta desenvolvimentista, que alteram a paisagem urbana. Do ângulo das artes visuais, a criação dos museus de arte e de galerias criam condições para a experimentação concreta nos anos 1950, com o anúncio das novas tendências não figurativas. É importante lembrar nessa direção as exposições 19 Pintores, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, semente do grupo concreto paulista; Do Figurativismo ao Abstracionismo, no MAM/SP, em 1949; A. Calder, no Masp, em 1949; e Fotoformas, de Geraldo de Barros (1923-1998), no Masp, em 1950. O ano de 1952 e a exposição do Grupo Ruptura marcam o início oficial do movimento concreto em São Paulo. Criado por Anatol Wladyslaw (1913-2004), Lothar Charoux (1912-1987), Féjer (1923-1989), Geraldo de Barros, Leopold Haar (1910-1954), Luiz Sacilotto (1924-2003), liderado pelo artista e crítico Waldemar Cordeiro (1925-1973), o grupo propõe em seu manifesto a "renovação dos valores essenciais das artes visuais", por meio das pesquisas geométricas, pela proximidade entre trabalho artístico e produção industrial, e pelo corte com certa tradição abstracionista anterior.

Texto completo no site abaixo:

[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=370](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=370)

## Neoconcretismo

### Definição

A ruptura neoconcreta na arte brasileira data de março de 1959, com a publicação do Manifesto Neoconcreto pelo grupo de mesmo nome, e deve ser compreendida a partir do movimento concreto no país, que remonta ao início da década de 1950 e aos artistas do Grupo Frente, no Rio de Janeiro, e do Grupo Ruptura, em São Paulo. Tributária das correntes abstracionistas modernas das primeiras décadas do século XX - com raízes em experiências como as da Bauhaus, dos grupos De Stijl [O Estilo] e Cercle et Carré, além do suprematismo e construtivismo soviéticos -, a arte concreta ganha terreno no país em consonância com as formulações de Max Bill, principal responsável pela entrada desse ideário plástico na América Latina, logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O contexto desenvolvimentista de crença na indústria e no progresso dá o tom da época em que os adeptos da arte concreta no Brasil vão se movimentar. O programa concreto parte de uma aproximação entre trabalho artístico e industrial. Da arte é afastada qualquer conotação lírica ou simbólica. O quadro, construído exclusivamente com elementos plásticos - planos e cores -, não tem outra significação senão ele próprio. Menos do que representar a realidade, a obra de arte evidencia estruturas e planos relacionados, formas seriadas e geométricas, que falam por si mesmos. Apesar de uma pauta geral partilhada pelo concretismo no Brasil, é possível afirmar que a investigação dos artistas paulistas enfatiza o conceito de pura visualidade da forma, à qual o grupo carioca opõe uma articulação forte entre arte e vida - que afasta a consideração da obra como "máquina" ou "objeto" -, e uma ênfase maior na intuição como requisito fundamental do trabalho artístico. As divergências entre Rio e São Paulo se explicitam na Exposição Nacional de Arte Concreta, São Paulo, 1956, e Rio de Janeiro, 1957, início do rompimento neoconcreto.

O manifesto de 1959, assinado por Amilcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis, denuncia já nas linhas iniciais que a "tomada de posição neoconcreta" se faz "particularmente em face da arte concreta levada a uma perigosa exacerbação racionalista". Contra as ortodoxias construtivas e o dogmatismo geométrico, os neoconcretos defendem a liberdade de experimentação, o retorno às intenções expressivas e o resgate da subjetividade. A recuperação das possibilidades criadoras do artista - não mais considerado um inventor de protótipos industriais - e a incorporação efetiva do observador - que ao tocar e manipular as obras torna-se parte delas - apresentam-se como tentativas de eliminar certo acento técnico-científico presente no concretismo. Se a arte é fundamentalmente meio de expressão, e não produção de feitiço industrial, é porque o fazer artístico ancora-se na experiência definida no tempo e no espaço. Ao empirismo e à objetividade concretos que levariam, no limite, à perda da especificidade do trabalho artístico, os neoconcretos respondem com a defesa da manutenção da "aura" da obra de arte e da recuperação de um humanismo.

Uma tentativa de renovação da linguagem geométrica pode ser observada nas esculturas de Amilcar de Castro. Os cortes e dobras feitos em materiais rígidos como o ferro, evidenciam o trabalho despendido na confecção do objeto. Do embate entre o ato do artista - que busca traços precisos - e a matéria resistente, nasce a obra, fruto do esforço construtivo, mas também da emoção. Nas palavras de Castro: "Arte sem emoção é precária. Max Bill queria uma coisa tão fabulosamente pura, sem emoção". Nas séries dos Bilaterais e Relevos Espaciais, 1959, de Hélio Oiticica e nos Trepantes realizados por Lygia Clark na década de 1960, por exemplo, as formas conquistam o espaço de maneira decisiva para, logo em seguida, romper as distâncias entre o observador e a obra, como nos Bichos, criados por Lygia Clark e nos Livros, de Lygia Pape. A arte interpela o mundo, a vida e também o corpo, atestam o Ballet Neoconcreto, 1958, de Lygia Pape e os Penetráveis, Bólides e Parangolés criados por Oiticica nos anos 1960. A cor, recusada por parte do concretismo, invade as pesquisas neoconcretas, por exemplo nas obras de Aluísio Carvão, Hércules Barsotti, Willys de Castro e Oiticica. Estudos realizados sobre o tema frisam o lugar do movimento neoconcreto como divisor de águas na história das artes visuais no Brasil; um ponto de ruptura da arte moderna no país, diz o crítico Ronaldo Brito.

**O Que vem depois?**